



Das dores em 1984 à primeira cirurgia

Um ano antes, Tancredo sentia desconfortos que já podiam ser sintomas da doença. Dali em diante, tudo piorou e, no Hospital de Base, foi o começo do fim

» FABIO GRECCHI

A dor que o presidente eleito Tancredo Neves sentia, e que culminou na internação na noite de 14 de abril de 1985, não era recente. Vinha de, pelo menos, um ano antes e manifestava-se na parte de baixo da barriga. Embora não se possa ligar esse desconforto de 1984 à situação que tornou-se desastre meses depois, também não é possível afastar a hipótese de que não haja conexão.

O quadro agravou-se, e levou à cirurgia horas antes de tomar posse na Presidência, em 15 de março de 1985, por reunir os seguintes fatores: Tancredo era um paciente arredo, que colocava os compromissos políticos à frente da própria saúde; frequentemente solicitava paliativos aos médicos que o acompanhavam, o que teria mascarado a doença até chegar ao ponto crítico; a falta de exames aprofundados que permitissem fechar um diagnóstico.

Ainda governador de Minas Gerais, o que possivelmente era a manifestação do tumor, fez parecer que seria uma agressiva infecção urinária. Segundo relata Luis Mir, em *O paciente — O caso Tancredo Neves*, o primeiro a medicar o futuro presidente foi o clínico Francisco Diomedes Garcia de Lima, amigo da família desde São João del-Rei, cidade natal de Tancredo. Ele fora a Belo Horizonte para uma audiência no Palácio da Liberdade, marcada para as 18h30 de 19 de junho de 1984. É avisado, porém, que o governador estava indisposto e febril depois de voltar de São Paulo. Seria recebido dia 20, às 10h.

Mas, ainda no dia 19, d. Risoleta Neves convoca Francisco, pois Tancredo apresentava febre muito alta e só aceitou que o examinassem por ser o médico um velho conhecido. “Encontrei o governador com 40° de febre logo pela manhã. Sua esposa me informou que a febre tinha sido alta a semana toda. Ele tomava aspirina, aguardava a febre baixar e voltava ao trabalho”, explicou Francisco, conforme registrado no livro de Mir.

Tancredo, porém, deixou claro ao médico que não podia ficar fora de combate. Explicado o problema, Francisco aceita o pedido do então governador para que o ajudasse a manter-se ativo. De novo, a saída foram as aspirinas, eficientes contra a febre. Mas o médico foi veemente ao recomendar que fizesse

exames de sangue e de urina, além de uma radiografia do tórax.

Em 22 de junho, Tancredo submeteu-se às coletas de material e a um raio-X no Hospital Felício Rocho. Tinha sido medicado, no dia anterior, por uma combinação do antibiótico ampicilina e aspirina, e sentia-se bem, segundo Francisco — que compartilhou a preocupação sobre a saúde do governador com outros dois médicos, o secretário de Saúde de Minas à época, Dário Tavares, e o então diretor do HFR, Rubens Resende Neves, primo do paciente.

Poucas horas depois, saía o resultado: nada de expressivo no hemograma, mas o exame de urina apresentava uma preocupante infecção: detectou a presença de pus (piúria), a perda da proteína albumina (albuminúria) e tinha coloração avermelhada por sangramento (hematúria). Como Tancredo não reclamava de cólicas — a hipótese de cálculo renal foi afastada —, reforçou a impressão de que as vias urinárias superiores estavam infectadas (pielonefrite aguda).

Substituem a ampicilina por outro antibiótico, a garamicina de 80mg, e combinam nova bateria de exames, dessa vez com ênfase para o aparelho urinário. E o tempo passa.

O mesmo incômodo

Em janeiro de 1985, pouco antes da eleição do Colégio Eleitoral, Francisco estava em casa, em São João del-Rey. Tancredo, de Brasília, o alcança pelo telefone e reclama que o desconforto de meses antes voltou. O médico recomenda keflex, outro antibiótico, mas receia assumir a responsabilidade sozinho. Divide o assunto com Maria Jozina e Ester, irmãs de Tancredo, que iriam a Brasília e o convidam a acompanhá-las. Segundo Francisco, ao chegarem ao apartamento do já presidente eleito, ele estava bem disposto e alegre. Não se tocou mais no assunto.

Um dia antes de um giro internacional, o médico Renault Mattos Ribeiro, então diretor do Serviço Médico da Câmara dos Deputados, é convocado para ir ao apartamento de Tancredo. O presidente recusa-se a colher material para exames, mas pede-lhe que o visse assim que retornasse do exterior — e aponta para a região abaixo da barriga, mostrando que dali vinha o incômodo.

Dessa viagem, surgiu a versão de que

Tancredo foi internado no Hospital Bethesda, em Maryland, nos Estados Unidos, onde teriam diagnosticado um tumor intestinal — que, se removido, permitiria que participasse normalmente da posse, em 15 de março. Diz-se, inclusive, que recusou a operação. O embaixador aposentado Rubens Ricúpero, guia diplomático da viagem por sete países, nega veementemente tal história.

Em 12 de março, ao chegar no escritório da Fundação Getúlio Vargas, onde vinha despachando e realizava os encontros com a imprensa, Tancredo vacila ao subir a escada. Quem percebeu isso foi o publicitário Mauro Salles, conforme relato em *Tancredo Neves: A Noite do Destino*, de José Augusto Ribeiro. Na coletiva, deu um segundo sinal ao bater com o punho contra a parte de baixo da barriga.

Tarde da noite, Renault recebe um telefonema do hoje deputado federal Aécio Neves (PSDB-MG), então secretário particular de Tancredo, avisando-o de que o avô sentia-se mal. O médico insiste que devia vê-lo imediatamente, mas o presidente eleito pede que apareça apenas na manhã seguinte.

Baixa cedo na casa de Tancredo, no dia 13. Nos exames, ao apalpar a fossa ilíaca, o paciente reclama e afasta a mão de Renault. “Apalpei de novo e, de novo, ele reagiu. Reação de peritonite. Peritonite dá, provavelmente, em quem tem foco de inflamação no intestino, ou pode ser uma apendicite, embora apendicite não seja muito comum em pessoas da sua idade — 75 anos. Mas poderia ser. Ou, então, diverticulite. Eu disse: ‘O senhor está com um problema abdominal sério e provavelmente precisará ser operado’. Ele disse: ‘Renault, faz o seguinte: me trata, de toda maneira, sem operação. Se é infecção, me dá antibiótico’”, relembrou o médico, em depoimento para os registros da Câmara dos Deputados.

Renault divide o problema com o colega e cirurgião Francisco Pinheiro Rocha (que morreu no último dia 30, aos 95 anos). Ao ver os exames levados pelo clínico, concorda que tratava-se de uma peritonite aguda — e que era o caso de operar. Decidem investigar um pouco mais e marcam, para a noite do dia 13, exames no Centro Radiológico de Brasília. Antes, porém, os dois médicos fazem uma visita ao presidente, na Granja do Riacho Fundo. Pinheiro encontra Tancredo com o ventre estufado e dolorido.

Gilberto Alves/CB/D.A Press



Para aqueles que conviveram com Tancredo, ele colocou o compromisso com o país acima da própria vida

A ecografia feita na noite de 13 de março mostra, no quadrante inferior do abdome, uma massa, em torno de 8cm, que poderia ser composta de líquido ou de pus. O cirurgião deixa claro que era caso de operação — e de emergência. Tancredo resiste. A essa altura, espalha-se por Brasília a suspeita sobre o mau estado de saúde do presidente.

Pré-operação

Na noite de 14 de março, Tancredo dá entrada no Hospital de Base (HDB) às pressas. Para levá-lo até lá, foi uma guerra, segundo os médicos que o atendiam. Novos exames confirmam a bacteremia grave (17.700 leucócitos). Porém, quando o assunto é cirurgia, o presidente se revolta. Há, então, o diálogo com Renault.

“Infelizmente, temos de submetê-lo a uma intervenção cirúrgica. A apendicite progrediu, está invadindo o peritônio. Não podemos esperar para amanhã (16 de março), como prevíamos”, pondera o médico.

“De modo algum. Só depois da posse”, rebate Tancredo.

“O senhor não vai ter condições de ir à posse”, enfatiza Renault.

“Vou de maca, se for o caso. Eu lhei um documento, isentando-o de qualquer responsabilidade”, reage o presidente.

“Não se trata disso, dr. Tancredo. Não vou andar por aí exibindo um documento ao povo brasileiro para justificar minha incapacidade de convencê-lo, meu paciente e amigo há 20 anos, a se operar. Ninguém iria me perdoar. O povo o quer vivo e eu também. Amanhã, o senhor não terá condições de se operar e poderá, inclusive, não estar vivo”, sentencia Renault.

Tancredo recorre à ironia. Afirma que ficaria na maca tomando soro, quieto. Deixaria o HDB por volta das 5h, iria ao Riacho Fundo para um banho e um café rápido, seguiria para o Congresso, tomaria posse, receberia a faixa presidencial no Palácio do Planalto, faria o discurso já como chefe da Nação e voltaria ao hospital para a cirurgia. O chefe da Unidade de Terapia Intensiva do Base, Aluísio Toscano Franca, insiste: não havia tempo para tanto.

“Hoje, doutor, nós não temos conversa”, retruca Tancredo, irritado.

Este diálogo, segundo Luis Mir, foi presenciado por d. Risoleta e pela

Fotos: F. Gualberto/CB/D.A Press

Fotos: F. Gualberto/CB/D.A Press



Renault insistiu com Tancredo que ele tinha de ser operado antes da posse



Pinheiro levou adiante a cirurgia mesmo cercado por mais de 30 pessoas

